

Robert Vannoy , Deuteronomio, Aula 7

© 2011, Dr. Robert Vannoy , Dr. Perry Phillips e Ted Hildebrandt

Implicações históricas da forma de aliança, revisão de Sitz

im leben

Estávamos na página 3 do esboço até 2b. Passamos a maior parte da semana passada discutindo 2. “A evolução da forma do tratado e suas implicações para a data do livro de Deuteronomio”, e abaixo disso analisamos “a” e “b”, que era “Uma análise mais detalhada de ambos”. os Tratados Assírios de Esarhaddon e os Tratados Aramaicos”, que é “b” de Sefire e compara o formato da estrutura desses tratados com os tratados hititas. Acho que foi aí que paramos depois da “Conclusão após análise dos Tratados Aramaicos”. Não discutimos c. “As Implicações do Pacto do Tratado.” Afirmei, para concluir, que Kline tem boas razões para falar da evolução da forma do tratado.

C. _ “As Implicações do Pacto do Tratado.” - J. Thompson: Namoro na Monarquia Antiga Contra Kline

Então isso nos leva a outra coisa com J. Thompson. Você está lendo Thompson, e em seu livro IVP da série Tyndale, páginas 51-52, ele expressa algumas reservas sobre a conclusão de Kline. O próprio Thompson então defende uma data de Deuteronomio entre os séculos 11 e 10 aC , que seria o período de Salomão e Davi. Ele vê Moses por trás do trabalho, mas sente que os processos editoriais o levaram ao ponto em que está na forma que temos agora. Assim, no que diz respeito ao livro de Thompson, ele certamente não está defendendo o tipo de data de Wellhausen, do século VII a 621 aC. Ou é a época de Salomão-David, e partes substanciais dela são até Mosaicas, mas os processos editoriais envolvidos ocorreram na época da Monarquia Unida.

1. A forma do Deuteronomio moldada muito depois de Moisés Suas reservas sobre a visão de Kline, eu acho, são basicamente duas: uma é que, em sua opinião, ele sente que o Deuteronomio poderia ter sido colocado na forma do tratado por alguém que escreveu muito depois de Moisés. ' tempo. Esse é o último parágrafo da página 51. “

Deve-se admitir a possibilidade de que Deuteronomio tenha sido moldado na forma de um antigo tratado por alguém que escreveu muito depois dos dias de Moisés.” Agora, nessa visão, a tese básica de Thompson não é muito diferente daquela de um homem chamado Frankina — acredito que esteja em sua bibliografia — se você olhar a página 4 de sua bibliografia, R. Frankina , “The Vassal Treaties of Esarhaddon and the Datação de Deuteronomio.” Nesse artigo, Frankina argumenta a dependência, particularmente das maldições do tratado no capítulo 28 de Deuteronomio, das maldições do tratado assírio, e ele sente que isso é algo que é um argumento para a data tardia de Deuteronomio. É colocado naquela terminologia e expressão do tratado dos últimos tempos. Frankina argumentou isso, e também Moshe Weinfeld , que mencionei na semana passada. Isso está no livro *Deuteronomio e a Escola Deuteronomica* de Moshe Weinfeld . Ele acha que a forma do tratado em Deuteronomio deve ser atribuída aos escribas da corte na época de Ezequias e Josias, de modo que a forma foi imposta ao material posteriormente. Agora, Thompson não vai tão tarde, até Ezequias e Josias, mas em princípio, você vê, o que ele está dizendo é que “tem que estar aberta a possibilidade de que a forma do tratado seja dada a Deuteronomio por alguém que viveu muito depois”. o tempo de Moisés.” Então isso é uma coisa que ele diz.

2. Thompson não vê o prólogo histórico como um forte indicador de data

Outra coisa que se opõe ao argumento de Kline tem a ver com o prólogo histórico. Thompson diz que o argumento do prólogo histórico não é forte. O que argumenta a ausência do prólogo histórico? O argumento do prólogo histórico é que os tratados assírios e aramaicos não têm um e os tratados hititas têm, e esse é um dos contrastes. Não é o único contraste, mas um dos contrastes, e certamente é um contraste importante porque afeta o tom e o caráter do tratado, bem como o tratado da relação. Mas ele diz. “ Esse argumento não é sólido porque os tratados assírios e aramaicos podem ter 'assumido um prólogo' ou podem ter sido declarados oralmente.” Em outras palavras, você não vê isso aí, mas talvez tenha sido presumido – o que é uma suposição e tanto da parte dele. Ele diz que talvez tenha sido declarado oralmente. Talvez tenha havido alguma história

oral anterior dada antes da conclusão do acordo do tratado. Ele sugere ainda que com os tratados aramaicos de Saphire , alguns deles são quebrados no topo. Ele diz que talvez o prólogo histórico estivesse ali no trecho quebrado que não temos mais. Então ele tenta enfraquecer o argumento do prólogo histórico dessa forma.

Além disso, ele reivindica evidências de um texto do século VII ^{com} um prólogo histórico. Em outras palavras, ele procura reverter o argumento. Ele encontra evidências, diz ele, de um texto de tratado do século VII ⁻ que seria tardio – que tem um prólogo histórico. Se você argumentar com base na evolução da forma do tratado que os primeiros tratados tiveram um prólogo histórico, os últimos não, então você chega a um tratado tardio que tem um, isso enfraquece o argumento da evolução da forma do tratado como sendo conclusivo. Mas esses são seus argumentos básicos. Veja no topo da página 52: Ele diz: “Mas, na verdade, há um tratado do século VII ^{aC} onde ocorre o prólogo histórico”, e em sua nota de rodapé ele se refere a AF Campbell para um prólogo histórico em um tratado do século ^{VII} texto publicado na *Bíblia* .

3. Resposta a Thompson e ao Tratado Tardio com Prólogo Histórico

Então, em resposta a esses dois pontos de Thompson – primeiro, em resposta a esse último ponto: o texto que ele cita é um texto que é contestado em si mesmo. Se isso é uma evidência clara de um prólogo histórico num texto do século VII, ^{não} é tão claro. Há outro artigo, está na sua bibliografia, e isso pode ficar confuso porque o artigo que ele cita é de AF Campbell, mas há um artigo de EF Campbell. Se você olhar na página quatro de sua bibliografia, verá que eles estão um abaixo do outro. AF Campbell é quem ele cita, mas logo abaixo dele há um artigo de EF Campbell chamado “Moisés e os Fundamentos de Israel”. EF Campbell diz nesse artigo: “O texto em questão [aquele ao qual ele se refere] é muito fragmentário, especialmente no início, e a leitura está longe de ser clara”. Nunca vi esse texto, mas é um texto discutível, aparentemente.

Mais recentemente, o artigo que você foi designado para ler é de KA Kitchen, que é basicamente uma análise daquele livro de Nicholson, *God and His People: Covenant and Theology in the Old Testament* . Na análise de Kitchen sobre isso, página 132, nota

37 – ele diz: “As obras de McCarthy e Weinfeld das quais Nicholson se baseia, obscurecem as diferenças claras entre os tratados dos séculos XIV e XIII^{no} primeiro exemplo. Os primeiros tratados têm, enquanto os últimos não têm, prólogos históricos.” Então, novamente você vê que é esse contraste. Os primeiros têm, diz Kitchen, os últimos não. Depois ele tem esta nota de rodapé: Ele diz: “O suposto espaço no tratado de Assurbanipal e Kidar não é um prólogo. Após o título e as testemunhas agora perdidos, ocorre apenas uma alusão histórica, usada para justificar as disposições de Assurbanipal que se seguem.” Assim, Kitchen também argumenta que este apelo que Thompson faz à ocorrência de um prólogo histórico num texto do século VII^{não} é realmente um prólogo histórico. Portanto, não tenho tanta certeza de que o argumento defendido por Thompson tenha um bom fundamento.

O outro ponto básico que ele defende é que “Alguém lançou Deuteronômio na forma de um tratado muito depois da época de Moisés”. É claro que isso é possível; você não pode descartar isso, mas me parece muito improvável que essa seja uma boa explicação para a forma do Deuteronômio. E certamente isso não refuta a tese de Kline - dá-lhe outro modelo - mas certamente não refuta a tese de Kline que diz que deveria ser Mosaico porque os materiais aos quais corresponde mais de perto vêm da era Mosaico. Acho que esse continua sendo o argumento mais forte para Kline, e dizer: “Bem, foi lançado dessa forma por alguém muito mais tarde”, qualquer um pode fazer afirmações como essa, mas certamente Thompson não pode provar isso. Parece-me que o peso das evidências vai na direção de Kline.

Pergunta do aluno: Por que alguém levantaria tal hipótese?

Vannoy : Esse é exatamente o ponto. Eu mesmo já me perguntei isso. Surpreende-me que ele o faça, porque Thompson é geralmente bastante conservador em suas opiniões. Não sei qual é o fator decisivo para ele. Há outra coisa que ele menciona e que voltarei em um minuto, e é isso que ele chama de elemento Pós-Mosaico em Deuteronômio. Esse pode ser outro fator. Mas penso que essas questões foram adequadamente discutidas. Não sei por que ele vai nessa direção. Parece-me que o peso das evidências aponta na direção mosaica.

Portanto, parece-me que esses dois pontos – o argumento do prólogo e a possibilidade de alguém ter moldado Deuteronômio na forma do tratado muito depois dos dias de Moisés – realmente não dão a Thompson um argumento muito forte contra a origem mosaica. Kline comenta, em sua *Estrutura de Autoridade Bíblica*, página 10: “Se uma vez for reconhecido que o tratado Deuteronômico deve ter sido produzido inteiro para uma ocasião específica, a orientação generalizada do livro para a situação de Israel na era mosaica, e especialmente a preocupação central deste tratado com, entre todas as coisas, a sucessão dinástica de Josué, é sempre estranha para os defensores da origem do livro no século ^{VII}. Torna-se bastante inexplicável para eles.” Acho que ele está certo nisso. Se alguém vai insistir mais tarde, por que tanta ênfase na sucessão de Moisés a Josué? É apropriado que a época em que se representa tenha sido escrita, mas sem sentido depois disso.

4. Conclusão de McConville McConville, você está lendo o livro dele, também discute esta questão da forma do tratado. Na conclusão de todo o seu livro, página 159, ele diz o seguinte: “Uma palavra final está em vigor sobre o formato do tratado de Deuteronômio. Vimos que as conexões linguísticas entre os capítulos 1-11 e 12-18, como de fato o paralelo formal entre os capítulos 7 e 12, serviram para apontar a relação entre a ação de Yahweh em nome de Israel nos capítulos 1-11, e a resposta de Israel a essa ação. nos capítulos 12-18.” Portanto, os capítulos 1 a 11 são basicamente material histórico e as estipulações básicas, enquanto os capítulos 12 a 18 são obrigações de Israel. Então o que ele está dizendo é que nos primeiros onze capítulos você tem a ação de Yahweh, e então em 12-18 você tem a resposta de Israel, e ele diz: “Isso mostra que o discernimento da forma do tratado em Deuteronômio não é uma questão de identificar a extensão das várias partes constituintes do tratado, em vez disso, a característica ação-resposta do tratado é representada em um nível profundo na linguagem do livro. Expressámos dúvidas numa fase anterior do nosso estudo se o reconhecimento de uma forma mais ou menos equivalente à dos tratados hititas era realmente compatível com a crença exigida pela teoria deuteronomista de que essa forma só foi alcançada nas últimas fases do

século. composição do livro, na época do exílio. Encontrámos uma série de razões para desafiar essa teoria [isto é, JEDP] de uma forma fundamental. Parece ao presente autor que os estudos de Deuteronomio deveriam, no futuro, prestar atenção às implicações da forma do tratado , que claramente não foram esgotadas, em vez de continuar a buscar a chave para uma compreensão do livro em uma teoria que não pode sobreviver a um exame minucioso. .” Então esses são os comentários de McConville sobre toda essa questão.

5. Conclusão de Kitchen Então , apenas uma citação final do outro artigo de KA Kitchen que você está lendo chamado “Ancient Orient ' Deuteronism ' and the Old Testament” no volume *New Perspectives on the Old Testament*, editado por J. Barton Payne. Na página 4 desse artigo, Kitchen diz: “O presente escritor não consegue ver nenhuma maneira legítima de escapar da evidência cristalina da correspondência de Deuteronomio com a forma notavelmente estável de tratado, ou aliança, dos séculos 14^a 13^a aC . os pontos seguem aqui. Primeiro, a estrutura básica de Deuteronomio e grande parte do conteúdo que dá caráter específico a essa estrutura devem constituir uma entidade literária reconhecível. Em segundo lugar, esta é uma entidade literária não do século VIII^{ou} VII · mas sim de cerca de 1200 a.C., o mais tardar. Aqueles que assim o desejarem podem desejar alegar que esta ou aquela lei ou conceito individual parece ser de uma data posterior ao final do século XIII^{a.C.} Mas já não é metodologicamente permissível remover alegremente características essenciais da forma da aliança com base num mero preconceito, especialmente da safra do século XIX^{dC} , daquilo que é meramente pensado, e não provado ser tardio.” Por outras palavras, mais uma vez, ele está a desafiar toda a ideia de Wellhausen de análise do Deuteronomio com base na forma da estrutura do tratado.

6. Outras objeções de Thompson à autoria de um Mosai

a. Deuteronomio baseado em Profetas e não vice-versa. Agora, as reservas de Thompson. Em primeiro lugar, ele questiona – como mencionei – a força do argumento

de Kline sobre a analogia do tratado-pacto. Mas então ele também fala de outras coisas que o fazem concluir que o livro não é mosaico. E ele cita dois argumentos que têm sido usados há muito tempo pelos defensores da data tardia do Deuteronômio. Estas são as primeiras (isto está na p. 52), que “passagens nos profetas que lembram Deuteronômio não provam que os profetas conheciam Deuteronômio. É possível que Deuteronômio tenha sido baseado nos profetas.” Em outras palavras, você encontra certas semelhanças de linguagem e conexão entre certas seções dos livros proféticos e o livro de Deuteronômio. É claro que muitas vezes se argumenta que Deuteronômio foi o primeiro e que os profetas refletem sua familiaridade com Deuteronômio. Ele diz que essas passagens não provam que os profetas conheciam Deuteronômio; é possível que Deuteronômio tenha sido baseado nos profetas. Sugere que os profetas foram os primeiros, depois Deuteronômio vem depois. Bem, novamente, acho que tudo o que essa afirmação mostra é o quão difícil é usar esse argumento. Provar a prioridade é difícil, embora com os profetas e Deuteronômio você frequentemente encontre alusões entre duas passagens onde você encontra terminologia semelhante. Tomemos a passagem de Obadias e aquela de Jeremias 49 sobre Edom, e isso tem sido discutido nos dois sentidos. Alguns dizem que Obadias depende de Jeremias porque a linguagem é muito semelhante. Outros dizem que Jeremias depende de Obadias. É um argumento muito difícil provar a prioridade de uma forma ou de outra com qualquer tipo de conclusão. Então, novamente, não sei por que ele diz: “O argumento não é conclusivo, pois esses paralelos não provam necessariamente que os profetas do século VIII ^{conheciam} Deuteronômio, seja em sua forma em desenvolvimento ou em sua forma final”. Acho que isso é verdade, mas acho que todo o argumento é muito difícil de usar de qualquer forma conclusiva.

Na verdade, ele está dizendo que se Deuteronômio estiver na época de Salomão ou de Davi e do Reino Unido, isso é bastante profético, e ele não está argumentando contra isso. Ele está argumentando contra aqueles que usam essa analogia – ele está apenas mostrando que esse argumento não é conclusivo. Eu não discordaria disso. Ela se ajusta a uma data Mosaica, mas não creio que você possa provar uma data Mosaica dessa forma.

No grande comentário de Thompson sobre Jeremias, essa terminologia é usada de

muitas maneiras diferentes. Como ele define “escola deuteronomista”? Eu não tenho certeza. Se ele está dizendo que houve pessoas ao redor que foram influenciadas pelo livro de Deuterônomo, que por sua vez foram influenciadas por Jeremias e pelo livro de Jeremias, isso não é problema. Para que lado vai a influência? Jeremias influenciou a escrita do livro de Deuterônomo? Em outras palavras, foi a sua pregação que ajudou a desenvolver esta escola deuteronomística que então produziu o Deuterônomo, ou será que a influência do Deuterônomo atravessou os séculos e ajudou a estruturar a linguagem de Jeremias ? Parece-me que não há problema com isso se este é o que ele quer dizer com isso, mas não tenho certeza. Eu espero que seja isso que ele quer dizer com isso.

b. Adições Pós-Mosaico ao Deuterônomo A segunda coisa que ele diz é que há acréscimos pós-Mosaico ao livro. Isto está mais abaixo na página 52. Ele diz: “ Se uma autoria mosaica for aceita, surge a questão de que lugar, então, deve ser permitido aos acréscimos pós- mosíacos ? Alguns daqueles que defendem a autoria mosaica colocam isso no mínimo. Claramente, o relato da morte de Moisés no capítulo 34 deve ser pós-mosaico. Algumas das expressões geográficas do livro são de particular interesse deste ponto de vista. Aparentemente, a terra de Canã é vista de dentro da Palestina. A expressão “além da Jordânia” tem sido frequentemente considerada uma expressão pós-mosaica porque parece implicar que o orador está na Palestina.” Ele admite então, mais tarde, que a expressão 'além do Jordão' pode significar “na região da Jordânia”, expressão muitas vezes carece de definição. Eu acho que isso é verdade. Não creio que se possa argumentar a favor dessa expressão geográfica “além do Jordão” de uma forma conclusiva de que esta expressão deva ser pós-mosaica. Nem o relato da morte de Moisés incluído no livro de Deuterônomo me perturba. Não tenho nenhuma objeção a que isso seja acrescentado ao final do livro após a morte de Moisés. Todo o livro leva a isso, e colocar uma nota final dizendo: “Sim, ele morreu”, não me parece uma grande dificuldade em aceitar a origem mosaica do livro.

Aquela expressão “além do Jordão”: vamos olhar isso um pouco mais de perto.

Ocorre em vários lugares, às vezes com referência ao lado oriental do Jordão, ou seja, o que conhecemos como Transjordânia. Por exemplo, já no primeiro capítulo, e é por isso que a coisa tem sido discutida bastante (veja em Deuteronômio 1:1), “Estas são as palavras que Moisés falou a todo o Israel”. A King James diz “deste lado do Jordão”. Em hebraico, isso é *beevar ha Jordanan*. Agora você vê, alguns traduziram isso: “Estas são as palavras que Moisés falou a todo o Israel além do Jordão”. Onde ele falou as palavras do livro de Deuteronômio? Nas planícies de Moabe. Diz: “Ele falou além do Jordão”. Aqui está o Jordão e aqui estão as planícies de Moabe. Parece que o ponto de vista do autor está aqui, no lado oeste do Jordão, de dentro de Canaã. E você tem isso usado em Deuteronômio 1:1 e 1:5 novamente. A versão King James diz: “Deste lado do Jordão, na terra de Moabe”, mas é a mesma expressão. Está em Deuteronômio 4:41, 4:46 etc.

Porém, para contrariar isso, a mesma expressão ocorre em Deuteronômio 3:20 do lado ocidental. Veja 3:20: “Até que o Senhor dê descanso a vossos irmãos, bem como a vós, e até que eles também possuam a terra que o Senhor vosso Deus lhes deu . *haYordan*”, além do Jordão. “E então ele devolverá cada um à sua possessão que eu te dei.” Isso está falando das terras dadas às duas tribos e meia que iriam ficar no leste. Mas está falando daqueles que vão para o oeste, e “além do Jordão” existe o outro caminho. Isso é Deuteronômio 3:20. No versículo 25: “Deixe-me passar e ver a terra que está além do Jordão, aquele belo monte e o Líbano.” Isto fala claramente do lado ocidental do ponto de vista das planícies de Moabe.

Mas então o que torna isso ainda mais confuso, veja o capítulo 3. E você vê que é por isso que eu nem tenho certeza por que ele usa esses argumentos ou por que ele diz: “A expressão muitas vezes carece de definição e é uma coisa muito difícil de entender”. identificar.” O que é ainda mais interessante é que esta expressão é usada 24 vezes no Antigo Testamento, com uma cláusula qualificativa, como “em direção ao mar”, que significaria oeste, ou “em direção ao nascer do sol”, além do Jordão, em direção ao nascer do sol, que significaria significa leste. Em outras palavras, as cláusulas qualificativas acrescentadas a ela indicam que a frase em si não é decisiva no que diz respeito ao lugar do falante. Parece que é uma frase bastante ambígua. Parece que você só

precisa traduzi-lo dependendo do contexto. Como no capítulo três, fica claro que uma referência se refere a um lado e a outra referência se refere ao outro, e você não pode então basear-se muito no ponto de vista do escritor ao olhar para aquela expressão.

Parece que é simplesmente uma frase que se refere ao Jordão, mas a frase pode ser usada em qualquer forma para se referir a ambos os lados, geralmente significando “na região do Jordão”. É quase como “Transjordânia”, mas aplicando-a a este ou aquele lado dependendo do contexto. Não parece ser um lugar específico; parece que está se referindo a uma região. De um lado do Jordão ou da região do outro lado do Jordão.

Por que Thompson está argumentando contra a data do Mosaic? Não tenho muita certeza porque não acho que ele esteja argumentando contra a forma do tratado ou a menção à morte de Moisés e esse tipo de expressão – essas coisas têm sido discutidas há muito tempo e não são conclusivas, mas de qualquer forma caso, ele argumenta contra a autoridade mosaica.

Bem, não creio que o caso de Thompson seja convincente e, no que me diz respeito, a analogia do pacto do tratado continua a ser um novo argumento vigoroso para a data de origem mosaica. Não acho que seja uma prova; Não acho que você possa falar em termos de prova, mas acho que isso fornece um argumento novo e contundente que não existia há 20-25 anos para a autoria do Mosaico.

c. Rejeição por parte de parte da analogia Tratado/Deuteronômio em conjunto O interessante é que, e todos vocês podem perceber isso lendo Kitchen, Nicholson apareceu recentemente em 1986 e negou a analogia por completo. Essa é a tese deste livro, que não há qualquer analogia entre a forma do tratado e a forma da aliança. Agora, você lerá a análise de Kitchen sobre isso, então não quero entrar em detalhes aqui. Mas ele questiona não apenas a data em que Deuteronômio adquiriu a forma de tratado, o que Frankina, Weinfeld e Thompson parecem fazer, mas questiona a própria analogia do pacto-tratado. Ele rejeita e quer voltar ao típico Wellhausen. Então é interessante. Em qualquer lugar que você tenha a ideia da aliança e de Israel antes da suposta data tardia de Deuteronômio, ele assume que ela é retrojetada em tempos anteriores. A ideia do tratado

de aliança em si não existia antes. Isso, no entanto, vai contra todas as evidências. É interessante o que os estudiosos podem fazer com argumentos como esse, porque me parece que o tratado-pacto é quase irrefutável. Kitchen deixa isso bem claro; ele tem uma boa resposta. Aparentemente esta é sua resposta inicial, e ele irá elaborá-la e fazer um tratamento muito mais completo posteriormente.

d. Debate sobre maldições

George Mendenhall, 1954, num artigo no *The Biblical Archaeologist* chamou a primeira atenção para este paralelo entre os tratados hititas e a aliança bíblica. Em certo sentido, isso faz parte do argumento de Weinfeld . Se você for a algumas das maldições do tratado, por exemplo, Frankina citará algumas das maldições dos tratados de Esarhaddon e mostrará o quão próximas elas estão das maldições de Deuteronômio. Agora, se você tiver os tratados hititas, lá atrás, nos anos 1200, e os tratados assírios aqui, digamos, por volta dos anos 700, e então encontrar um tratado assírio paralelo ao Deuteronômio, Weinfeld e Frankina argumentam que o Deuteronômio foi emprestado do tratado assírio. porque o texto das maldições está muito próximo. A resposta de Kline a isso é a formulação de coisas como maldições – Kitchen faz a mesma coisa – formulações de coisas como maldições tornam-se tão estereotipadas como tipos de expressões que a formulação pode continuar por séculos. Portanto, é certamente possível que Deuteronômio possa ser formulado nos anos 1200 e ter uma formulação de maldição para algo que você encontraria em um tratado assírio 700 anos depois, devido à continuidade nas expressões estereotipadas que você encontra em coisas como maldições. Kitchen ilustra esse exemplo no período egípcio, onde você vê o mesmo tipo de fraseologia demonstrativamente em textos com séculos de diferença no tempo.

e. Reflexões sobre a estrutura geral Mas veja, o que você está falando aqui não é toda a estrutura da época: o que você está falando são elementos isolados dentro da estrutura onde pode haver uma semelhança - e é verdade, eles encontraram semelhanças - mas o paralelo na estrutura é inicial. As bênçãos e maldições fazem parte da estrutura,

mas são apenas uma unidade da estrutura.

Eu não acho que você queira forçar essas coisas demais – quero dizer, o que você tem em Deuteronômio comparado ao tratado hitita, você tem semelhanças e diferenças. O esboço básico e a estrutura dele você encontra, mas além disso você pode entrar em uma definição completa de como você define esses elementos. Em certo sentido, você pode dizer que todo o relacionamento da aliança em si e a forma da aliança são uma forma de juramento. O que é uma aliança? É uma forma elaborada de juramento. Existem sanções envolvidas. Então, em certo sentido, a coisa toda é uma forma elaborada de juramento. Israel diz repetidamente no Sinai: “Sim, o Senhor nos disse...” e isso é um juramento onde eles aceitam a aliança. Eles fazem isso novamente em Josué 1:4. Então acho que você pode encontrar o juramento mais cedo. Aliança e juramento são quase sinônimos.

f. A revisão de Moses' Words Kitchen diz que Nicholson ignora todas as evidências de outras alianças porque o termo é usado em outras literaturas muito cedo, e Nicholson o ignora. O uso do termo “Moisés” pode não se referir especificamente à autoria, mas pode referir-se ao Pentateuco como um todo a partir de Moisés. Os outros dois títulos usados como analogias, isso não sugere nada sobre autoria ou responsabilidade pelo material, mas quando diz “Moisés”, parece-me que estão atribuindo responsabilidade a um indivíduo pelo nome.

Eu diria que a evidência vai contra o que Thompson estava sugerindo que o servo Moisés falou certas palavras e também que escreveu certas palavras, mas é extremamente difícil decidir quais palavras Moisés registrou em Deuteronômio são dele, ou se são o registro de Moisés. palavras através do processo de transmissão. Este é um bom lugar para fazer uma pausa.